



MANUELZÃO

Belo Horizonte Janeiro-Fevereiro/1999 Ano 2 Nº7 Distribuição Gratuita

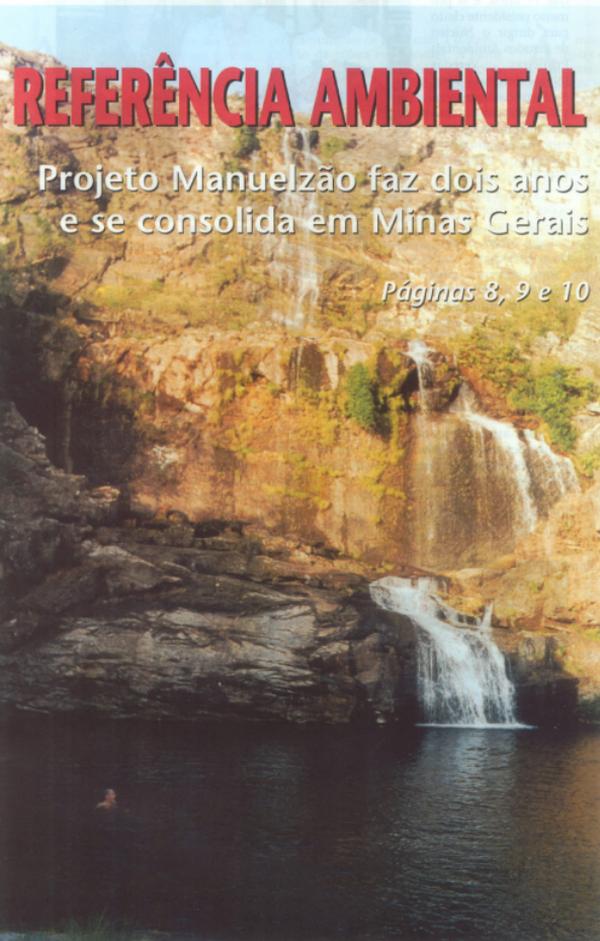
- Universidade Federal de Minas Gerais
- Copasa
- Secretaria de Recursos Hídricos do MMA
- Prefeituras municipais da bacia

INFORMATIVO DO PROJETO MANUELZÃO DE REVITALIZAÇÃO DA BACIA DO RIO DAS VELHAS

REFERÊNCIA AMBIENTAL

Projeto Manuelzão faz dois anos e se consolida em Minas Gerais

Páginas 8, 9 e 10



Cachoeira dos Inhames, em Santana do Pirapama: que este santuário ecológico sirva de exemplo

Várzea da Palma vai rever caso lixão

As 12,5 toneladas de lixo/dia jogadas irregularmente no bairro Buritis das Velhas, ameaçam o Rio das Velhas, serve de humilhante fonte de renda para Maria da

Conceição S. Machado e põem em risco a política ambiental do município de Várzea da Palma, no Norte de Minas.

Página 12



Extração de areia, com degradação ambiental, desafia Pedro Leopoldo

No município da Região Metropolitana de Belo Horizonte, a extração inescrupulosa de areia cada vez aumenta mais, independente do mal que provoca aos cursos dos rios. Pior ainda: aos olhos dos poderes públicos.

Páginas 06 e 07



Pr-ó-x-i-m-a e-d-i-ç-ã-o



Serra das Andorinhas, na histórica Ouro Preto, onde nasce o Rio das Velhas, é só degradação.

AO NOVO SECRETÁRIO DE ESTADO DE MEIO AMBIENTE, TILDEN SANTIAGO, NOSSOS VOTOS DE UM EXCELENTE TRABALHO.

Editorial

Justo reconhecimento

Dois anos são passados, desde o dia em que o Manuelzão, em carne e osso, compareceu à Faculdade de Medicina da UFMG para a primeira reunião do Projeto com os estagiários do 11º período que estavam partindo para 11 municípios da bacia hidrográfica do Rio das Velhas, dando início às nossas atividades. Construindo conceitos, articulações, mobilizações e uma imagem, o Manuelzão avançou.

Ficou a marca de nossa origem, as pessoas ainda vinculadas ao Projeto Manuelzão com medicina. Agora, com a

mas hoje os peixes indicados da qualidade de vida no planeta Terra. As águas são o eixo privilegiado da mobilização social e o melhor indicador de qualidade ambiental e da mentalidade da civilização que aí vive e sobrevive. Saúde não pode ser compreendida de outra maneira. Exige nova mentalidade da sociedade, nova economia, o fim da degradação ambiental. A consagração, na prática, do trabalho interdisciplinar, intersectorial e interinstitucional, conquistado pela adoção do objetivo pontual comum pelas diver-

sas disciplinas acadêmicas, setores sociais e institucionais, foi uma grande vitória. Nosso grande desafio neste novo momento é deitar raízes em nível dos núcleos sociais localizados nos diversos municípios e rincões banhados pelas águas da bacia. A ação

"A multiplicação dos peixes proposta pelo Manuelzão, não exclui o da multiplicação dos pães, exigência da miséria e da exclusão social".

aprovação de nossa proposta pelo Fundo Fundep 99, de natureza interdisciplinar envolvendo IGC, ICB, ICEX, Farmácia, Medicina e Foam, está ficando claro que nosso projeto de saúde está inscrito em novo paradigma. Está claro que "saúde não é um problema médico, mas que tem seu momento médico", ao contrário do que a ainda hegemônica ideologia da indústria da doença fez prevalecer na cabeça de patricios e plebeus.

Simplesmente, considera-

global carece de enraizamento local, que seja a expressão de independência, criatividade e de consciência. A adoção dos cursos d'água é nosso eixo de mobilização. As escolas e as associações de moradores são nossos núcleos mais importantes. Este é o caminho da consolidação definitiva do Projeto Manuelzão, da fusão da UFMG com a sociedade, que seja consistente, pela conquista de um resultado concreto, qual seja a revitalização da bacia hidrográfica do Rio das Velhas.

Flagrantes

Bom exemplo

O jovem Marconey Raimundo Figueiredo de Carvalho, de apenas 17 anos, é o primeiro presidente eleito para dirigir o Núcleo de Estudos Ambientais Primeiras Veredas (Nea-Primeiras Veredas), entidade ambientalista do município de Cordisburgo (localizado na região Centro de Minas, a 123 Km de Belo Horizonte).

Criado a partir das ações do Projeto Manuelzão que atua na cidade, o Nea, segundo o presidente Marconey, será uma referência em termos de atividades ambientalistas. "Para isso, garante ele, já estamos articulando parcerias". A entidade está funcionando,



Ernandes de Barros Moreira, professor de Medicina da UFMG e supervisor do Projeto Manuelzão, entre o presidente do Nea, Marconey R. F. de Carvalho (a.d.) e a secretária da entidade, Amanda de Souza Viana.

provisoriamente, na rua Dimas Henri-que de Freitas, 7, Cep 35780-000. Telefone (031) 715- 1039.

Avaliação

"As atividades meio e fim: limitações e possibilidades". Esse foi o tema principal que norteou a avaliação do Projeto Manuelzão realizada em 13 de dezembro de 98, no Hotel Fazenda Ipê Amarelo. Participaram do evento todos os funcionários e supervisores do

Manuelzão, sob a coordenação geral do professor Apolo Heringer Lisboa. O encontro foi fundamental na avaliação do desempenho de 98 e serviu para traçar metas e objetivos para 99. Tudo em função das demandas ambientais que não param de chegar.



Equipe de funcionários, técnicos e supervisores do Projeto Manuelzão



PARCERIAS

UFMG
FACULDADE DE MEDICINA
DEPARTAMENTO DE MEDICINA PREVENTIVA E SOCIAL
INTERMUNICIPAL

MUNICÍPIOS
DA BACIA

IICA
INSTITUTO INTERMUNICIPAL
DE COOPERAÇÃO
AGROPECUÁRIA

SRH/MMA
SECRETARIA DE
RECURSOS HUMANOS

COPASA MG

Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais
Caixa Postal 340 - Av. Alfredo Balena, 199 sala 10012, Santa Efigênia,
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. CEP: 30130-100. Telefones: (55 31)
273 6744, 239 7480 e 226 5426 - Fax: (55 31) 226 5426
e-mail: apolo@medicina.ufmg.br - www.medicina.ufmg.br/manuel

Coordenadores: Professores Apolo Heringer Lisboa, Antônio Leite Alves, Marcos Vinícius Rodrigues, Antônio Thomaz da Mota Machado, Ernandes de Barros Moreira

Redação e Edição: Rogério Bastos - MTB 2.357 DRT/MG

Projeto Gráfico e Diagramação: Interativa D&C - 291-2885

Concepção de Marca: Rosa Pereira e Geraldo Perpetuo - CAU

Fotos: Arquivo Manuelzão

Impressão e Fotolito: Segrac

Circulação: Bimestral

Tiragem: 15.000 exemplares

Envie sua contribuição para o jornal Manuelzão. Caso você deseje receber este jornal em sua casa, escreva-nos e solicite sua assinatura gratuita.

É permitida a reprodução de matérias e artigos desde que citada a fonte e o autor. Os artigos assinados não representam necessariamente a opinião dos editores do Manuelzão.

COMISSÃO DE GESTÃO



Proteção dos mananciais

Marcelo Libânio (*)

A constituição da maioria das cidades do mundo deu-se em função da proximidade com os corpos d'água superficial. Decorre daí as associações da cidade de Paris ao rio Sena, de Londres ao Tâmisa, de Budapeste e Viena ao Danúbio, dentre outras. Todavia, o crescimento das cidades acarretou, principalmente nos países em desenvolvimento, o inevitável comprometimento da qualidade dos mananciais de abastecimento, consequência de atividades antrópicas, tais como, descargas crescentes de efluentes domésticos ou industriais, lixiviação de vias urbanas e solos agrícolas. Desta forma, consolidou-se a dicotomia entre o uso de mananciais protegidos — embora distantes dos centros consumidos — e os comprometidos, necessitando, por isso, de maiores investimentos na potabilização da água.

Tal situação agudiza-se pela contínua elevação das restrições inseridas nos padrões de potabilidade de água para consumo humano. Embora o primeiro sistema público de abastecimento de água na América, empregando tubos de madeira, data de 1799, na cidade de Philadelphia, a preocupação com o padrão de potabilidade iniciou-se em 1914, referenciando-se tão somente à contaminação bacteriológica, provavelmente motivada pela histórica pesquisa de John Snow, concluída em 1854, na qual comprovou-se a intrínseca relação do

abastecimento de água com a disseminação da cólera em Londres. A partir daí, com o intervalo médio da ordem de 15 anos, diversos padrões de potabilidade foram sucedendo-se, elevando progressivamente as restrições quanto às características físicas, químicas e biológicas das águas de abastecimento.

Essa evolução dos padrões de potabilidade culminou com a inserção, a partir do final da década de 70, dos trihalometanos como parâmetros de qualidade de água de abastecimento, em função das propriedades carcinogênicas dos mesmos. Estes compostos constituem-se em subprodutos da desinfectação efetuada com compostos de cloro, quando a água apresenta teor de matéria orgânica.

Por sua vez, os compostos orgânicos presentes nas águas naturais são provenientes basicamente das substâncias húmicas, oriundas da decomposição de matéria orgânica de origem predominantemente vegetal e das já referidas atividades antrópicas.

Desta forma, é a preservação dos mananciais que vai garantir o equilíbrio do ecossistema aquático.

(*) **Engenheiro Civil. Professor de engenharia hidráulica e recursos hídricos da UFMG**



O brilho das águas

Maria de Lourdes P. dos Santos (*)

Às margens do século XXI, os águas de Minas deslizam em um cenário promissor, onde novas leis, novas instituições e novos paradigmas trazem à tona o reconhecimento de que sempre se soube: água e sobrevivência são indissociáveis.

Minas se adapta aos novos tempos legais e institucionais, e é invadida, de sul a norte, de oeste a leste, por termos e expressões como "recursos hídricos", "educação ambiental", "cidadania pelas águas", "comitês de bacias", "outorgas de direito de uso", "agências de água", "poluidor-pagador", etc, etc, etc.

Tudo um sistema ambiental está estruturado em torno de um princípio fundamental: a bacia hidrográfica é a unidade de planejamento e de gestão dos recursos hídricos. Surge, por exemplo, pela primeira vez, na proposta de reformulação da Lei Florestal, a citação da importância da proteção e conservação das águas para o equilíbrio ecológico. Registra-se também, em outro artigo da mesma proposta de lei, a bacia hidrográfica como a unidade de planejamento para definição e uso das áreas de preservação permanente.

Há em Minas quem, estranhamente, ainda desconsegue a importância do jovem Igam (Instituto Mineiro de Gestão das Águas), como o órgão executivo do sistema, responsável pela implementação da Política Estadual de

Recursos Hídricos. Justo em Minas, tão peculiar e privilegiado quanto à sua hidrografia, com um povo historicamente ávido pela participação em grandes e decisivos momentos, como esse, em que emerge o já conhecido "movimento de cidadania pelas águas" não por acaso, iniciado e avançado em território mineiro pelo então secretário de

Recursos Hídricos do Ministério do Meio Ambiente, Paulo Romano.

Os grandes avanços não devem ser contidos! Não pode haver retrocesso, principalmente quando passamos a ocupar um papel de destaque no contexto nacional das águas.

Em Minas Gerais, das pedras e do ouro, resplandecem as águas, vulneráveis e indefesas, que adormecem nosso chão e alimentam nosso povo. São as águas de Minas nossa riqueza maior. Cumpre-nos, como protagonistas que somos no cenário ambiental, buscar a harmonia e o equilíbrio na interação do homem com seus rios, como forma de assegurar, para a melhor qualidade de vida, um final feliz. No mínimo, essa estratégia significa estar de frente com a questão ambiental.

(*) **Assessora — chefe do Instituto Mineiro de Gestão das Águas (Igam).**

"O equilíbrio do ecossistema aquático está na preservação dos nossos mananciais".

"Qualidade de vida passa, necessariamente, pela harmonia de interação entre o homem e os rios".

Ponto de Vista

Qual a importância do meio ambiente como disciplina obrigatória do 1º ao 3º graus?

Alicione Ribeiro de Matos
Engenheira Química
e Pesquisadora da Feam.

É essencial a inclusão de disciplinas obrigatórias específicas do meio ambiente no ensino do 1º, 2º e 3º graus, não só pela atualidade do tema, mas

também para divulgação de conhecimentos básicos de preservação do meio ambiente, necessários à sobrevivência das gerações futuras. Através delas, na sua disposição para o aprendizado e que poderemos conseguir melhores resultados na assimilação de conhecimentos capazes de resultar no estabelecimento de uma relação equilibrada homem-natureza-desenvolvimento.



Patricia Gambogi Boson
Engenheira Civil consultora em Meio Ambiente e Recursos Hídricos.

Nossas bacias hidrográficas se encontram em processo de degradação ambiental alarmante, facilmente detectado pelas condições de quantidade e qualidade dos seus corpos d'água. Um dos fatores de maior responsabilidade dessa degradação está associado a precária disposição do lixo, principalmente, doméstico. Joga-se lixo em qualquer lugar sem nenhuma preocupação com as consequências da poluição resultante. Assim, apenas a educação formal de todos os cidadãos já seria um grande aliado à preservação do meio ambiente.



Madalena de Castro B. Cascao
Técnica em Educação
e Gestão Ambiental

A Constituição Federal de 1988 ratifica a preocupação com esta temática quando prevê a promoção da Educação Ambiental "em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente". Contudo, o meio ambiente não deve ser considerado como disciplina isolada, deve ser tratado de forma interdisciplinar, interagindo-se a temática nos currículos de língua portuguesa, matemática, ciências naturais, história, geografia, literatura, ciências sociais, políticas e econômicas.

Acobapa de Sabará está à frente de seu tempo

Projeto Catupiry encabeça a lista de serviços da entidade, que se transformou em porta-voz de 2.500 pessoas

"O ano é este". É pensando assim, que a Associação Comunitária do Bairro Paciência (Acobapa), do município de Sabará (Região Metropolitana de Belo Horizonte) vai mobilizar todos os esforços para construir, se possível ainda neste primeiro semestre, sua sede própria. A obra, que ocupará um terreno de 71 m², doado pelos empresários daquela cidade, tem um custo previsto de R\$10 mil e vai significar boa parte da consolidação da associação como a principal entidade social-ambientalista de Sabará. "Aos poucos, confirma a secretária Dalila Mendes Silva, vamos definindo nosso espaço de atuação no município, cuja virtude maior é a credibilidade adquirida junto aos 2.500 moradores do Paciência".

Dimensão Social

Embora o meio ambiente seja o seu prato preferido, o cardápio de atividades da Acobapa é bastante variável. Essa estratégia, isto é, a de buscar atender outras demandas do bairro que representa, ao contrário do que se



Vista parcial do Bairro Paciência, às margens do Rio das Velhas

pode imaginar, não banaliza os propósitos da organização. Tem sido assim desde a sua criação em 1984, com exceção de oito anos de total abandono administrativo. O presidente da entidade, ambientalista tempo-integral, Jorge da Silva, atribui essa trégua da associação à falta de participação do Paciência. "O que se comenta, justifica o presidente, é que o afastamento das pessoas não foi por acaso. Nesse período, a entidade, por não saber trabalhar, perdeu a confiança e, com isso, sua representatividade."

Com o apoio direto das 103 famílias associadas, que ajudam com contribuições financeiras espontâneas, (em troca recebem um especial desconto na rede comercial do município) e indireto do restante da população de Sabará, a Acobapa já realizou, nesta administração, o que durante anos anteriores não conseguiu. Desde o policiamento ostensivo e social da Polícia Militar, diariamente entre 18 e 24 horas, passando pela instalação de telefones públicos até as próximas construções de 13 coberturas para as paradas de ônibus e sinalização da avenida Albert Scharif, tudo isso e muito mais integram o leque de atividades da associação. O destaque, no entanto, fica por conta dos proje-

tos "Criação adote uma árvore" e "Catupiry, coleta seletiva de lixo". O primeiro foi implantado em setembro de 98, em parceria com a Escola Estadual Augusta Azeredo. E é a diretora da escola, professora Evani Gonçalves Fantini Costa, quem fala a respeito: "essa atividade, explica Evani, foi realizada para comemorar o Dia da Árvore (21/09) e envolveu todo o nosso alunado no plantio de 80 mudas de árvores às margens do Rio das Velhas. Não precisa nem dizer que foi um sucesso", conclui Evani. Já o "Projeto Catupiry" (projeto em Tupi-guarani, que significa excelente), em fase de discussão, visa construir um depósito central de lixo, a confecção de coletores e à execução de uma ampla campanha educativa junto aos moradores do Paciência, da qual incluem gincanas, palestras, concursos de redação, atividades esportivas e culturais, tendo o lixo como âncora.

Ação educativa

Na esteira do "Projeto Catupiry" (coleta seletiva de lixo)", segundo a associação, há uma clara e expressiva ação educativa que é o de conscientizar as pessoas sobre a gravidade desse poluente jogado às margens do



Associação ocupa espaço do poder público municipal

Jorge da Silva, presidente da Acobapa

MANUELZÃO - A que o sr. atribui tamanho sucesso da Acobapa?

Jorge da Silva - Sem a menor demagogia, acho que a nossa associação não existe em si. O que existem são as pessoas, os nossos associados, o bairro Paciência. O sucesso é deles. A associação não passa de uma estrutura que tenta canalizar e encaminhar propostas. Simplesmente estamos ocupando um vácuo social que existe entre o poder público de Sabará e as camadas populares. Nesse sentido estamos muito bem, apesar dos naturais obstáculos.

Manuelzão - Quais obstáculos? Por que?

JS - Quase todo trabalho social, que não esteja no âmbito do poder público, depende do discurso liberal desse setor, é visto com muito preconceito. É tido como inoportuno, intransigente. Isso faz parte da natureza autocrática da

nossa colonização. Além do mais, mesmo por parte das camadas populares existe uma certa desconfiança. Tudo isso contribui para influir negativamente nos processos de conquista. Nossa associação não foge a essa regra. Mas com muito trabalho estamos de pé, avançando em nossos propósitos.

"Só de sucata de alumínio, o Brasil movimentou US\$ 50 milhões com coleta seletiva de lixo"

MANUELZÃO - O meio ambiente parece ancorar todo o trabalho da associação. De onde veio essa ideia?

JS - Da profunda tristeza de ver a que ponto de degradação chegou o Rio das Velhas, que margeia o bairro. Lembro com saudade dos tempos em que nadava e pescava no Velhas. Daí nossa preocupação em criar uma consciência coletiva, através de ações concretas sobre a importância da preservação ambiental. Nesse sentido, vejo o quanto é valioso o trabalho de educação do Projeto Manuelzão. ■



"A associação não passa imune aos movimentos sociais de Sabará"

Evani Gonçalves F. Costa

Rio das Velhas e a importância de sua coleta e reciclagem como fonte de renda. Segundo o presidente da Acobapa, Jorge da Silva, que há 39 anos mora às margens do Velhas, há uma previsão de que é possível vender 500 quilos de lixo reciclado/dia por R\$250. "Essa receita, garante Jorge, vai não beneficiar e, com certeza, retornará à comunidade em forma de serviços".

Embora, inexplicavelmente, não esteja incluído no rol de prioridades da secretaria municipal do Meio Ambiente de Sabará, este projeto já angariou a simpatia de diversos segmentos

na cidade, a começar da Escola Augusta Azeredo. Sua diretora, Evani Gonçalves, sabe que um trabalho pedagógico como este não pode cair no vazio. "Tenho esperança, diz ela, da aprovação do "Projeto Catupiry". A importância dele é indiscutível não só para os nossos alunos como para toda a cidade". Outro que enfatiza a fala da professora é o tesoureiro da associação, José Dias dos Santos: "Vamos lutar para termos o apoio de todos os segmentos de Sabará na implantação do "Catupiry", porque ele é o retrato da consciência ecológica de que precisamos.

Propam é esperança de despoluição e preservação da Lagoa da Pampulha

Programa vai beneficiar 300 mil pessoas e, ao atuar nas causas da degradação ambiental, mostra a inutilidade das ações que o precederam

Até o final deste ano será implantado, pela PBH, o Programa de Recuperação e Desenvolvimento Ambiental da Lagoa da Pampulha (Propam). O megaprograma, que abrange uma área total de 97 Km², será coordenado pelas secretarias municipais de Meio Ambiente de Belo Horizonte e de Contagem (em parceria com a Copasa), terá um custo aproximado de R\$ 200 milhões (recursos da OECF, instituição japonesa e do Banco Mundial) e já está sendo considerado o maior e mais eficiente empreendimento ambientalista a ser realizado na história de Minas Gerais.



Secretário municipal adjunto de Meio Ambiente, engenheiro Paulo Maciel Júnior: "O Propam resolverá de vez a questão ambiental da Pampulha".

ações do programa serão concentradas nas causas da degradação da Lagoa. "Talvez seja esse o principal viés do Propam, justifica o secretário municipal adjunto de Meio Ambiente, engenheiro Paulo Maciel Júnior. Com isso, teremos condições de agir preventivamente para assegurar a eficiência das obras de maior peso. Por sua vez, explica o secretário, o programa tem um caráter socializante já que envolvente não são as comunidades que residem em torno da bacia hidrográfica da Lagoa (300 mil pessoas) mas tam-

bém, a sociedade civil que, de uma forma ou de outra está ligada ao problema.

Três sub-programas compõem a estrutura de funcionamento do Propam, o que lhe garante maior abrangência e sustentabilidade: o de Saneamento Ambiental consiste na recuperação das áreas degradadas de vilas e favelas (10 ao todo), na drenagem, coleta de esgoto, coleta de lixo, contenção e revegetação de encostas e proteção de nascentes, além de um completo trabalho educativo

junto às escolas locais. O segundo sub-programa é o da Recuperação da Lagoa através dos seguintes componentes: dragagem dos sedimentos acumulados, recuperação das ilhas e da orla e tratamento dos cursos d'água que chegam na lagoa. Gestão Ambiental é o terceiro e último sub-programa e tem um caráter mais institucional. Através da criação de um consórcio intermunicipal entre Contagem, Belo Horizonte e iniciativa privada, se garantirá a gestão, o

controle e monitoramento da Lagoa. Outra vertente desse sub-programa é o fortalecimento dos órgãos municipais de meio ambiente.

O tempo de duração das obras do Propam, que tem apoio incondicional do prefeito Célio de Castro, é de cinco anos. Isso significa que até o ano 2004, segundo perspectiva do secretário Paulo Maciel, o cenário da Lagoa da Pampulha "será outro completamente "para justificar, na prática, o status de cartão postal de Belo Horizonte.

Novo enfoque

Concebido para acabar definitivamente com a poluição que agride a Lagoa da Pampulha (nela são despejados 400 litros/dia de esgoto por segundo e 7.500 quilos/dia de DBO) desde a sua construção em 1938 e transformação em principal área turística da capital, o Propam apresenta uma característica que o distingue de todas as fracassadas tentativas de despoluição daquela área até hoje realizadas: todas as



Bacia Hidrográfica da Lagoa da Pampulha

multiMeio

A importância da Água

- ▶ No próximo dia 22 de março será comemorado o Dia Mundial da Água. Instituído pela ONU em 1992, o fato serve para que todos nós possamos refletir sobre a importância desse recurso, que não é infinito e que cobre 3/4 da superfície da terra.
- ▶ Mais de 97% das águas, compreendidos por oceanos e mares são salgadas. Mais de 3% são de água doce. Deste percentual, 77% estão congeladas nos círculos polares; 22% compõem-se de águas subterâneas e somente 1% encontra-se nos lagos, rios, plantas e animais.

- ▶ Nenhum processo metabólico ocorre na vida sem ação direta ou indireta da água. Os organismos vivos possuem em seus corpos, em média, cerca de 75% desta tão nobre substância e dela dependem para sobreviver.
- ▶ Da mesma forma que uma análise de sangue revela distúrbios da saúde humana, um exame da água mostra os desequilíbrios na saúde da natureza. Isso acontece porque a água tem grande capacidade de dissolução e é dinâmica, ou seja, circula por vários meios, num processo conhecido como ciclo da água ou ciclo hidrológico.

- ▶ Enquanto evapora, a água se transforma em nuvens, cai em forma de chuva sobre vários ambientes e escorre por canais ou córregos. A água pode ser contaminada por poluentes que tenham sido lançados na atmosfera ou depositados no solo, como o lixo, os esgotos e os efluentes industriais. Com base no ciclo hidrológico pode-se perceber o quanto é importante manter as águas pluviais (ou águas de chuva) livres da contaminação gerada nas áreas urbanas e rurais.

(* Transcrito do fascículo "Meio Ambiente - responsabilidade de cada um" da Cia Vale do Rio Doce

Pedro Leopoldo completa 70 anos com a extração clandestina

Com faturamento mensal de R\$1 milhão, atividade desafia o Codema e o meio ambiente da cidade.

Nem bem amanhece o dia e já se pode ouvir, mesmo de longe, o barulho das poderosas dragas de extração de areia. Este pesado, clandestino e lucrativo ritual não é privilégio das redondezas do município de Pedro Leopoldo (localizada na região Metropolitana de Belo Horizonte). Onde houver um curso d'água, preferencialmente perto das grandes cidades, haverá dragas e um intenso movimento de caminhões - caçamba transportando areia (a R\$50,00 cada) e deixando para trás os riscos de assoreamentos, desbarbamento de margens, da destruição das matas ciliares, da degradação da vegetação, da contaminação dos rios, etc, etc. É bom que se diga: o fato de Pedro Leopoldo não ser único alçoz da extração inescrupulosa de areia, não a redime do dolo ambiental e nem atenua a atividade extrativa. Essa epidemia existe no Brasil inteiro e é tão antiga quanto o seu processo de urbanização social.

Fazer o quê?

Em toda a história de extração de areia no município, só recentemente, foi possível reunir os areiros de Pedro Leopoldo. A preza, vista com uma certa desconfiança por alguns dos participantes, coube à Secretaria Municipal de Meio Ambiente. Objetivo: aproximar e integrar os areiros com o Conselho Municipal de Desenvolvimento de Meio Ambiente (Codema), órgão recentemente criado para controlar e fiscalizar,



Marcelo de Oliveira Fonseca, da Feam: "tão grave quanto a extração clandestina são os pactos que favorecem essa atividade".

"com rigor", a atividade extrativa. "Esse encontro foi importante, defende o presidente do órgão e ambientalista confesso, Jair Afonso Teixeira de Carvalho, porque pudemos conhecer de perto os areiros e divulgar as normas que regem a exploração de areia, argila e cascalho. Outra novidade, continua Jair, é que, a partir desta reunião, é bem possível que esse pessoal crie sua associação. Não tenham dúvidas: a partir de agora a prefeitura, através de sua Divisão de Meio Ambiente, vai encerrar de frente a extração de areia", garante ele.

O faturamento geral dos areiros de Pedro Leopoldo, gira em torno de R\$ 800 mil a R\$ 1 milhão/mês. Pelo menos é o que informa Ricardo Alvarenga Debbo, que há 6 anos atua na região. De fala articulada e jurando apoiar a legalização da atividade, Ricardo garantiu candidamente ao Manuelzão que, após o prazo de 10 anos de extração (vence em 2003), vai implantar na área um projeto de piscicultura. "Como sou legalizado junto aos órgãos estaduais e federais, (essa informação é imprudente) defende ele, minha atividade, embora predatória, é exercida dentro das normas para

causar o menor impacto possível ao meio ambiente.

Inoperância

Não se pode depositar todas as esperanças no Codema de Pedro Leopoldo. Estimulado pela Fundação Estadual de Meio Ambiente (Feam), sob o pretexto da descentralização institucional, esses órgãos, em sua grande maioria, não dispõem de recursos para cumprir suas funções de controle e fiscalização ambiental. Além disso, por serem coercitivas a eficiência dessas atividades está submetida à aridez e omissão dos extratores. Mes-

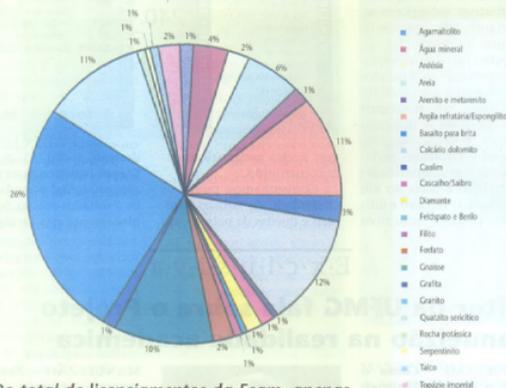
mo porque, é complicado coibir uma atividade que gera R\$1 milhão por mês. "Não é nada fácil, desabafa o presidente do Codema. Não há como evitar a extração, mas a posição do prefeito Ademir Gonçalves é a de que essa atividade continue sendo exercida dentro dos procedimentos deliberados pelo Codema e orientados pela Feam. Todos os areiros da região, especialmente os que atuam nos Ribeirões do Urubu, Neves, Areias, Vera Cruz e Quintas das Palmeiras, (afluentes do Ribeirão da Mata, que, por sua vez deságua no Rio das Velhas) sabem que, se não regularizarem suas atividades, serão severamente punidos, inclusive com o embargo da atividade", acredita Jair. Ao preço de 37 a 40% do faturamento bruto (aproximadamente R\$ 8 mil por mês) pagos religiosamente aos donos dos terrenos explorados, os areiros trabalham em regime de arrendamento. Realizam de 7 a 10 viagens por dia e garantem, tinosamente, que a atividade não é rentável. "É pura ilusão achar que essa profissão dá dinheiro", defendem Geraldo Inácio de Araújo e Antônio Fernando Santos, respectivamente encarregado geral e operador de máquina, no Ribeirão do Urubu.

Pacto

Para atenuar um pouco a máxima de que toda extração de areia é degradante e inevitável, a Feam defende o que se chama de "medidas compensatórias". Esse argumento ineficaz consiste em debitar ao areiro a responsabilidade, por exemplo,

5 anos assoreada e corrosiva de areia

Licenciamentos por Substância Mineral da Dinme



Do total de licenciamentos da Feam, apenas 6% se referem à extração de areia

Fonte: Feam

de reflorestar a área degradada. "Isso não invalida, o cumprimento de todas as técnicas e procedimentos de controle ambiental", explica o gerente da Divisão de Extração de Minerais Não Metálicos (Dinme) da Feam, Marcelo de Oliveira Fonseca.

Com apenas nove técnicos para cuidar de toda Mi-

nas Gerais, carência que se assemelha aos Codemas municipais, a Dinme (criada em julho de 97) acredita que em torno da atividade de extração há um acordo tácito, invisível, entre a municipalidade e os extratores, uma vez que o fluxo econômico gerado pela atividade acaba se revertendo ao município

em forma de impostos. "Infelizmente, reconhece Marcelo, esses acordos só são quebrados quando a degradação atinge níveis insustentáveis e são denunciados". Marcelo faz questão de citar, ainda, as três maiores dificuldades que a Feam enfrenta no combate aos extratores clandestinos: a falta de uma

maior participação e capacitação dos municípios, a burocratização no processo de regulamentação da atividade e o caráter semi-nômade dos areiros, que lhes assegura permanente mudança de local. "A clandestinidade é tão grande, confirma ele, que nesses quase dois anos de Dinme, apenas 6% da demanda de licenciamento da Feam provém do setor areeiro". Ao reverter a fala da Feam, o engenheiro civil, especialista em recursos hídricos da Fundação Centro Tecnológico de Minas Gerais (Cetec), Edison Pinto Garcia, considera que a situação se torna mais grave na medida em que a extração mineral, embora degradável, transformou-se numa necessidade econômica. "Essa dependência nivela por baixo a questão da preservação ambiental", confessa desolado.

Que ninguém se engane: diante da enxurrada de leis, deliberações, infrações e orientações que dão o tom burocrático - institucional da consciência ecológica oficial se contrapõe a lógica cotidiana da atividade extrativa. Nesse jogo de interesses, que envolve gregos e troianos, há muita cumplicidade perniciosa alimentada, ora pela apatia estatal, ora pelos ganhos secundários, e sempre e sempre pela crença nas virtudes do desenvolvimento urbano desordenado.



Jair Afonso T. de Carvalho, chefe da Divisão de Meio Ambiente da Prefeitura de Pedro Leopoldo e presidente do Codema



Edison Pinto Garcia, engenheiro civil, pesquisador do Cetec



Antônio Fernando Santos: operário da extração no Ribeirão do Urubu



Ricardo Alvarenga Del Débbio, areeiro ilegal junto à Feam



Projeto M·a·n·u·e·l·z·ã·o

Quem te viu, quem te vê

Projeto bate recorde de mobilização social: cerca de 50 mil pessoas foram beneficiadas



CÉLIO DE CASTRO

Prefeito de Belo Horizonte

O Projeto Manuelzão tem reflexo imediato na qualidade de vida em Belo Horizonte por cuidar da recuperação ambiental de toda a bacia do Rio das Velhas, totalmente degradada pela contaminação de seus afluentes por resíduos não só das cidades mas também de produtos químicos e industriais.

Ao buscar o resgate das condições saudáveis da natureza a partir do saneamento de um rio que foi tão importante no passado, e que por isso mesmo está integrado de forma especial à própria história de Minas, esse projeto merece o apoio de todas as prefeituras que de alguma forma se beneficiam de suas consequências positivas. E merece, seguramente, o aplauso e a solidariedade da nossa capital.

Prof. Marcos Borato Viana

Diretor da Faculdade de Medicina da UFMG



O Projeto Manuelzão é uma forma de expressão do que considero moderno na sociedade humana: não o pseudo-moderno da globalização do capital, da globalização das mazelas sociais, mas da globalização entendida como participação integral e efetiva de vários setores e pessoas na construção de uma vida melhor para todos nós, respeitando a natureza que nos circunda. Parabéns ao Projeto Manuelzão pelos dois anos de existência!



Prof. Paulo Sérgio C. Miranda

Chefe do Departamento de Medicina Preventiva e Social

O Projeto Manuelzão tem um papel importante na mobilização da sociedade quanto às questões de saúde e saneamento. É importante que ele

estenda suas parcerias a outros representantes da sociedade civil, com o objetivo de aproveitar seu potencial de mobilização na solução de outros problemas sociais.

Prof. Geraldo Cury

Coordenador do Internato Rural, disciplina do Departamento de Medicina Preventiva e Social.

O Projeto Manuelzão introduziu uma nova forma de trabalhar a saúde no Internato Rural, pois incorporou-lhe de forma organizada, a questão da relação com o meio ambiente no trabalho dos estagiários.



O saldo positivo de realizações do Projeto Manuelzão durante 1998, o credencia como o principal programa ambientalista de massa em Minas Gerais. À importância desse desempenho quantitativo sobrepõem-se, no entanto, três aspectos de extrema importância: os dois primeiros dizem respeito à capacidade mobilizadora do Projeto e sua credibilidade junto aos principais atores que a ele se integram (opinião pública, órgãos, empresas e entidades ambientalistas e as comunidades que habitam a bacia do Rio das Velhas). O terceiro e último é o processo educativo

RETROSPECTIVA (Jan/97 a dez/98)						
MUNICÍPIOS	Belo Horizonte	ESTUDANTES ENVOLVIDOS	240	ATIVIDADES	322	Reuniões
	Cardenal Mota				5.525	Atividades
	Cordisburgo				621	Esportivas/Culturais
	Corinto				37	Visitas Domiciliares
	Curuvelo				30.000	Seminários
	Lassance					Consultas Médicas
	Pedro Leopoldo					
	Raposo					
	Rio Acima					
	Matosinhos					
Presidente Juscelino						
Santa Luzia						
Santana do Riacho						
Santana do Pirapama						
Várzea da Palma						
TOTAL 36.523						

que se está pedagogicamente construindo.

Convenhamos: num país chafurdado de bandas cambiais e quedas de bolsos, cujo

destino social só à **Wall Street** pertence, fazer educação ambiental e ainda obter os resultados abaixo, justifica plenamente esta divulgação.

E·x·c·l·u·s·i·v·a

Reitor da UFMG fala sobre o Projeto Manuelzão na realidade acadêmica

MANUELZÃO - Como o sr. vê o Projeto Manuelzão dentro da estrutura da UFMG?

Sá Barreto - O Projeto Manuelzão nasceu em 1997 como parte integrante do Internato Rural da nossa Faculdade de Medicina. Após dois anos de existência, ele já adquiriu tal representatividade que permite afirmar: Projeto Manuelzão é um conjunto de projetos organicamente articulados de atividades de ensino, pesquisa e extensão. Diversos departamentos da Universidade estão envolvidos, assegurando a desejável interdisciplinaridade. A articulação do projeto com o reitor é realizada através da Assessoria de Cooperação Institucional (COPi).

MANUELZÃO - Em que medida o Projeto contribui para que a Educação Ambiental seja incorporada à grade curricular de cursos da UFMG?

Reitor - A forte contribuição do Projeto para as questões



O Reitor da UFMG, professor Francisco César de Sá Barreto

MANUELZÃO - Em dois anos de atuação, o Projeto Manuelzão já mobilizou milhares de pessoas em torno da recuperação do Rio das Velhas. Essa prática social pode ser entendida como expressão real da tão sonhada extensão universitária?

Sá Barreto - A atividade de extensão, considerada como uma das funções da Universidade, e, por excelência, a função que não só possibilita mas também provoca a interação de Universidade com a sociedade, está sendo alcançada pelo projeto em escala regional. O Projeto Manuelzão contribui de modo significativo para interiorizar a ação da UFMG. Além disso, permite a articulação institucional, expressa pelo gerenciamento compartilhado, que envolve também os próprios usuários da bacia do Rio das Velhas. É um projeto centrado no princípio da inclusão, formalizando pactos e estreitando laços sociais.

relativas ao meio ambiente já é reconhecida, devido à sua abrangência geográfica claramente definida e à sua função de unidade de diagnóstico, de planejamento, de organização e de avaliação de resultados sociais. É um esforço que tem sido bem sucedido, de integrar o sistema social e o sistema natural. Sua interdisciplinariedade será o fator básico para sua progressiva incorporação na grade curricular dos cursos de nossa Universidade e de outras instituições vizinhas.

E.n.t.r.e.v.i.s.t.a E.s.p.e.c.i.a.l

"Uma ação transformadora"

MANUELZÃO – Pedagogicamente, o que o sr. destacaria nestes dois anos de Projeto Manuelzão?

Apolo Heringer Lisboa – Do ponto de vista acadêmico, nossa atuação viabiliza o desejo da universidade de vinculação intrínseca e indissociável do ensino à pesquisa e à extensão. Nossa atuação visa resultados. A volta dos peixes às águas da bacia trará saúde, ambiente e cidadania. Os próprios alunos são testemunhas de que nossa intervenção social é um processo educativo de construção histórica.

MANUELZÃO – Frente ao abandono da bacia, o Projeto não corre o risco de se esvaziar operacionalmente?

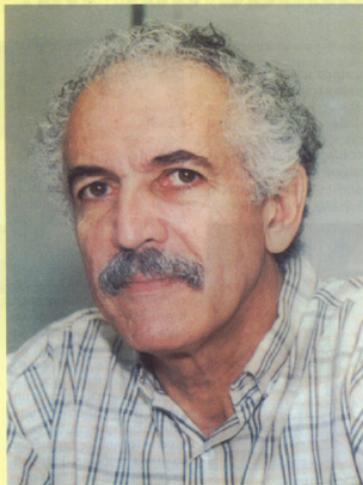
Apolo – Paradoxalmente, é essa situação que nos dá força e justifica nossa presença em campo. Hoje estamos atuando em diversos locais dos 11 municípios da bacia, incluindo Belo Horizonte. Em breve, estaremos cobrindo os 40 municípios restantes, através de um amplo trabalho de mobilização e organização social. A perspectiva é a de que possamos criar um clima de envolvimento comunitário, tendo a recuperação da bacia do Rio das Velhas como parâmetro maior, ideal para redimensionar o conceito de saúde pública, atrelando-a à questão ambiental.

MANUELZÃO – Viabilizar essa perspectiva demanda vários fatores, a começar por uma estrutura conceitual bem definida. O sr. concorda?

Apolo – Claro que sim. Não há nada de espontaneísmo no Projeto Manuelzão. Até porque, é uma das estratégias que temos para enfrentar o fenômeno da volatilidade social. Por isso temos o nosso espaço geográfico de atuação que é a bacia do Velhas, com seus 30 mil Km² e 4 milhões de habitantes. Saúde, Ambiente e Cidadania é o eixo temático. O objetivo pontual comum é a volta e a preservação dos peixes nos cursos

Defensor confesso da tese de que a saúde é consequência direta das relações sociais estabelecidas em seu sentido amplo e, especialmente, entre o homem e o seu meio ambiente, o médico, professor de Medicina da UFMG e secretário municipal – adjunto de Saúde de Belo Horizonte, Apolo Heringer Lisboa, é o coordenador geral do Projeto Manuelzão. Se não fossem as inúmeras atividades que exerce, com certeza, Apolo ficaria horas e horas dissertando sobre o projeto, que ele considera sem pieguice alguma, um ato de fé na consciência humana.

Essa especial entrevista é um verdadeiro libelo a favor da volta dos peixes aos rios como indicativo de uma melhor qualidade de vida. Que assim seja.



MANUELZÃO – Quais as ações concretas desenvolvidas pelo Projeto Manuelzão e que garantem seu viés educativo?

Apolo – Tanto em Belo Ho-

"Projeto Manuelzão a volta dos peixes aos rios: entender essa vinculação é fundamental para compreender quem somos, o que queremos e para onde vamos"

riacho do Riacho, incluindo o seu distrito de Cardeal Motá) nós adotamos a mesma linha de trabalho, claro que obedecendo o perfil de cada lugar. Das reuniões comunitárias, passando pelas visitas pessoais, organização de atividades culturais e de entretenimento, palestras, aplicação de pesquisas e diagnósticos, levantamentos geográficos, monitoramento da fauna aquática e da qualidade de água e mananciais, realização de consultas e procedimentos médicos, tudo passa pelas mãos do Projeto. Fora isso, participamos de reuniões institucionais com órgãos e entidades que atuam no âmbito ambiental.

Manuelzão – Em recente entrevista, o sr. atribuiu ao Projeto Manuelzão a virtude de mudar um paradigma. Como é isso?

Apolo – Apesar de sermos novos, a realidade social é tão rica de ensinamentos que nos mostrou o caminho correto, não ortodoxo de pro-

posta de prevenção das doenças e promoção de saúde. O estilo antigo supunha ser a saúde basicamente um problema médico. A prevenção estava subordinada a esse discurso. O Projeto Manuelzão veio subverter tudo isso na prática e na teoria.

MANUELZÃO – Durante viagens a alguns municípios da bacia do Rio das Velhas, deu para perceber o quanto o projeto é respeitado, especialmente pelas escolas. Qual o motivo de tamanha receptividade?

Apolo – Não muito pelo projeto em si, mas acredito que, de uma forma ou de outra, nosso trabalho está incentivando as escolas a se integrarem nessa empreitada. Se a educação ambiental, no seu sentido amplo, é uma das consequências de nossa ação transformadora, conclui-se ser as escolas um dos principais vetores dessa proposta. Este intercâmbio é fundamental. Aprende-se ao buscar e resolver problemas.

MANUELZÃO – A volta dos peixes aos rios como objetivo maior não é simplificar por demais a atuação do Projeto Manuelzão?

Apolo – Definitivamente não. É a visão fragmentada da realidade que provoca esse grave equívoco. Historicamente, a água e sua fauna foram referências de análise das questões ambientais e sociais. Parte essencial da história de Minas Gerais está registrada na memória das águas da bacia do Rio das Velhas. A vida começou na água e a água voltará a ter vida. Tudo isso é um conjunto indissociável. O retorno dos peixes, portanto, está relacionada com a recuperação e preservação dos cursos d'água e, este, com o todo das relações sociais, culturais e econômicas no âmbito das bacias hidrográficas.

O destino dos peixes tornou-se indicador do destino dos seres humanos. A época dos paradigmas antropocêntricos esgotou-se. ■

P·e·r·f·i·l

Imortalidade em vida: ai que saudade que dá!

Apelo Heringer Lisboa

Como um vaqueiro aposentado pelo Fumarral se tornou personalidade brasileira? Será que Guimarães Rosa o reverenciou por acaso, e bastou isto para torná-lo assim notável? Que características de personalidade poderiam

rém, ainda não são suficientes para explicar o mito Manuelzão. Representaria a saudade do mundo rural que se foi, com seus valores e recordações? Representaria a imagem do patriarca para um povo carente? Representaria o sucesso do brasileiro

Deus querer". Ainda sobre sua morte, dizia que todo mundo tem a sua hora. "Não adianta, se não chegou a hora a pessoa escapa de tiro e até de acidente de avião: mas quando chega, até um passarinho que voa assusta o sujeito, que desequilibra, bate a cabeça e morre. Mas podia ser uma casa de banana ou um estrepe"...

Sua personalidade pública fê-lo acolher como nos ermos é a sombra do buriti junto à água límpida de verdade. Não se preocupava em ganhar dinheiro com sua imagem. Dizia: "Não sou soberbo: se derem, recebo e agradeço. Se não, é mais um amigo que tenho". Foi uma existência que valorizou o viver. Tornou-se arquétipo da alma popular. Presidentes, governadores, PhDs e desembargadores não têm seu prestígio nem terão a qualidade de sua vida e do seu enterro. Realizou o desejo do escritor argentino Jorge Luis Borges, que ao fim lamentou não ter curtido mais a vida. Nunca teve pretensões a santo, mas ao passar pelas ruas de Três Marias apoiado no cajado, sustentando encucado suas longas barbas brancas, como cometa a cauda, as pessoas exclamavam: "O Manuelzão está passando!". Falar mal dele virou sacrilégio: a imortalidade o alcançou vivo no sertão. Este fenômeno vem encantando.



sustentar o espaço na mídia nacional, a simpatia popular e explicar a qualidade do funeral de um homem sem dinheiro e sem diploma?

Memória ímpar e prosa fina, espírito de independência e coragem, desapego à estabilidade material pela liberdade para receber bem e contar causos a quem o procurasse, independentemente de idade e condição social, são alguns ingredientes de sua personalidade que Manuel Nardy trabalhou com inteligência. Estas características do homem, po-

comum, que pega no pesado e surpreende com suas façanhas? Seria o Quixote do sertão brasileiro? Via seu sucesso com ironia e uma ponta de orgulho: "Estão gastando muito papel com um simples vaqueiro". E filosofava: "Este mundo é coisa muito bem feita. Cheguei onde nem imaginava. Parece que tenho um ímã". Submetido a uma cirurgia de estômago, octogenário, respondeu ao temor do jornalista: "Não tenho medo da morte porque sei que vou morrer; tenho medo do amor falso que mata sem

Afonso Borges
Escritor e produtor cultural

Manuelzão é proprietário de um dos momentos mais bonitos da história do "Sempre Um Papo": foi no lançamento do vídeo "Sertão" de Sérgio Amzalak, quando se encontraram, pela primeira vez, Manuelzão e Zé Cóco do Riachão. Quase nonagenários, os dois pareciam crianças, lançando pidades e lembranças ao público. Um velho jornalista me disse uma vez que Manuelzão era personagem de si próprio, inventado por Rosa. Não é verdade. Hoje sei que Guimarães Rosa foi invenção dele mesmo, o Manuelzão.

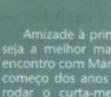


Marco Aurélio Baggio
Psicanalista



Manuelzão é figura ancestral de mineiridade, transitado por estes sertões e por esta Minas Gerais, caldeando o modo próprio de se ser mineiro. Ele é o sumo-resumo daquilo de melhor que surge, quando Minas trata bem a sua gente. Para mim, Manuelzão é o meu avô arcano e o meu paguá. A ele, sim, devo vassalagem.

Helvélio Raton, cineasta
Diretor do filme "João Rosa"



Amizade à primeira vista. Essa talvez seja a melhor maneira de definir meu encontro com Manuelzão. Estávamos no começo dos anos 80 e fui até ele para rodar o curta-metragem "João Rosa", onde a ideia principal era que o personagem Manuelzão apresentasse o escritor Guimarães Rosa. E ele fez isso muito bem, especialmente nos momentos em que esquecia as falas e improvisava, ou quando contava um "causo". Na busca do personagem literário criado por Guimarães Rosa acabei ganhando um amigo que enriqueceu minha vida com sua inteligência, sinceridade e bom humor. Com seu jeito rústido de vaqueiro, Manuelzão tinha um espírito nobre e sensível, desses que há poucos no mundo. E que agora nos faz muita falta.

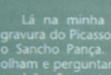


Carlos Rocha
Diretor do Teatro Francisco Nunes.
Dirigiu a peça "Grande Sertão: Veredas"



O que se pode falar de uma pessoa tão encantadora como o Manuelzão? Estive com ele em 83, em Cordisburgo e, depois, em Belo Horizonte. Todo o encantamento da literatura de Guimarães Rosa fazia sentir quando se olhava e conversava com Manuelzão. Uma pessoa rústica e tão iluminada. Ele era metafísico.

Pedro Fonseca
Publicitário, sobrinho do Manuelzão



Lá na minha fazenda tenho uma gravura do Picasso, com o D. Quixote e o Sancho Pança. As pessoas chegam, olham e perguntam: "aquele lá é o Manuelzão. É o outro?". Nunca vi parecer tanto. Manuelzão era isso: um verdadeiro "D. Quixote do Sertão", cheio de experiência, validade e simplicidade. Apesar de tudo, era um apaixonado pelo sucesso. E foi em cima dele que viveu 92 anos. Ele sempre me dizia: "a gente fazendo o que gosta, tá feliz!". Para mim, Manuelzão foi uma grande lição de vida.



Paulo Romano
Ex-deputado federal

Sempre mais substantivo que adjetivo. Assim foi, e é, será Manuelzão. Conviver com ele foi um privilégio. A maior lição de cidadania e sã sabedoria ele deu no que seria sua última aparição pública, já aos 92 anos, em

uma audiência para uma discussão sobre o Plano Diretor do Rio das Velhas. Após inúmeros discursos, Manuelzão pede a palavra e ensina, certo: "Não adianta nada ficar reclamando do governo, se a gente continua jogando esgoto e lixo dentro d'água e matando os peixes". Com a autoridade de patrono, ele sintetizava o Projeto Manuelzão.

Dirlalida Alves Nardi (dona Didi)

Vivia do Manuelzão, com quem viveu seus últimos 40 anos.



Apesar do seu jeito duro, foi ele quem me deu força e luz. Dele guardo as melhores recordações.

Fundo Fundep aprova proposta ambientalista do Projeto Manuelzão

A integração homem/natureza e seus efeitos na saúde será o tema básico das ações na bacia hidrográfica do Rio das Velhas

O Fundo de Apoio Acadêmico Fundep/1998 vai apoiar o desenvolvimento de 22 projetos, entre os 93 que se candidataram à obtenção de recursos nas áreas estratégicas de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, Cultura e Sociedade e Trabalho e Inclusão Social. A solicitação total foi de R\$ 5.246.347,48 para os R\$ 636.078,00 disponibilizados para o Fundo.

Creritrios

A avaliação dos projetos passou por duas etapas. Uma comissão de consultores, composta pelos professores Paulo Celfim (Escola de Engenharia/UFMG), Dulcinea Queiroz (Faculdade de Medicina/UFMG), Berenice Menegale (Escola de Música), Geraldo Magela Costa (IGC/UFMG), Antônio Octa-



Grupo de professores e técnicos do Projeto Manuelzão

vio Cintra (UNB), Aziz Nacib Ab'Saber (USP) e Renato Sérgio Balão Cordeiro (Fio Cruz), procedeu à análise técnica e de mérito dos projetos, considerando, na avaliação, o caráter inovador das propostas, a interdisciplinaridade, a integração ensino-pesquisa/extensão e a produtividade científica da

equipe executora. A Comissão indicou 60 projetos que poderiam ser parcialmente apoiados. Uma segunda etapa da avaliação, como previsto no edital, foi realizada pelas Pró-reitorias acadêmicas, com consultoria "ad-hoc" das assessorias das áreas estratégicas. A análise visou estabelecer a adequação

orçamentária e a potencialidade dos projetos no sentido de avançar um salto qualitativo no trabalho acadêmico da UFMG, dentro da política estabelecida pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe).

Encerrada esta etapa, os coordenadores dos projetos aprovados apresentaram às Pró-reitorias acadêmicas um novo cronograma e a demonstração da possibilidade de execução do projeto com os valores liberados, a existência de outros financiamentos para o projeto e a justificativa de aquisição de material permanente, especialmente de informática, considerando a capacidade instalada em suas unidades. Essas questões foram discutidas em reunião com os coordenadores. Houve um rigoroso acompanhamento dos projetos e sua articulação temática com outros projetos

acadêmicos em desenvolvimento, que recebem outros tipos de apoio (bolsas acadêmicas).

Diagnóstico

Para o coordenador da proposta aprovada pelo Fundep, professor Antônio Leite Alves, os recursos destinados ao Manuelzão (R\$63.012,00) serão disponibilizados para a realização de um amplo e importante diagnóstico na bacia do Rio das Velhas. "Este trabalho, assegura Antônio Leite, vai nos permitir criar metodologias de avaliação e monitoramento do Rio das Velhas, do ponto de vista da fauna aquática, da presença de metais pesados, dos aspectos geológicos, do diagnóstico de saúde da população, da utilização de plantas medicinais e da caracterização do uso e ocupação do solo.

Projeto Manuelzão e entidades de Curvelo criam SOS Rio das Velhas

Iniciativa vai identificar e denunciar causas de mortandade de peixes

Por iniciativa do Projeto Manuelzão, foi implantado no município de Curvelo (230 Km de Belo Horizonte, região Centro de Minas), no último dia 16 de dezembro, o "Projeto SOS Rio das Velhas". Participam ainda do SOS, o Instituto Estadual de Florestas (IEF), o Conselho Municipal de Desenvolvimento de Meio Ambiente de Curvelo (Codema), Polícia Estadual Florestal e a Associação dos Pescadores e Amigos do Rio das Velhas (Asparve). A solenidade de lançamento, da qual participaram vários segmentos ambientalistas de Curvelo, ocorreu no plenário da Câmara dos Vereadores.

Expectativa

Antiga reivindicação daquele município, o SOS Rio das Velhas visa acompanhar, in loco, mensalmente, a qualidade da água daquele rio e monitorar as causas da mortandade de peixe que, naquela região, vem acontecendo de forma assustadora. A partir daí, já no final deste ano,

os resultados desse trabalho, em forma de denúncia, será divulgado e entregue aos órgãos e entidades públicas, responsáveis pela recuperação e preservação da bacia do Rio das Velhas.

Segundo o técnico do IEF, César Augusto Maximiliano Estanislau, e um dos maiores incentivadores do projeto, o trabalho vai permitir a obtenção de um completo e eficiente quadro geral da ictiofauna da região. "Primeiro, detalha Cé-

sar, vamos monitorar a água e os peixes, visando identificar quais os principais problemas que afeta do Rio das Velhas. Vamos também, monitorar a mortandade no exato momento que ela acontece. De posse dessas informações, iremos repassá-las à sociedade civil e, evidentemente cobrar soluções das autoridades", garante o supervisor do IEF.

Inconformado com o que chama de descaso das autoridades e atribuindo parte da mortandade "à deseducação ambiental das pessoas", independente do nível social e econômico em que elas se situam", o presidente da Asparve (essa entidade é parceira do Projeto Manuelzão), Frederico Viana Espescht, considera que a importância do SOS Velhas está na sua capacidade de ir fundo na questão de mortandade.

Membros do Projeto Manuelzão na equipe técnica do SOS: (da esq. p/ d.) Frederico Viana Espescht (Asparve); Sargento Carlos Antônio da Silva (Polícia Florestal de Curvelo); Terezinha da Glória Gomes (Codema de Curvelo); prof. Marcus Vinícius Polignano (na coordenação do Projeto Manuelzão) e Marcos Antônio R. Araújo (IEF)



Várzea da Palma vai construir Usina para acabar com polêmica do lixo

Reciclagem e compostagem de 12 t/dia de lixo: providência para enfrentar inquérito público

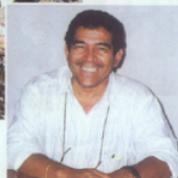
Até o final deste semestre, os 31 mil habitantes de Várzea da Palma, município localizado a 320 Km de Belo Horizonte (região Norte) poderão contar, desta vez de forma definitiva, com a Usina de Triagem e Compostagem de lixo da cidade. A obra será construída num terreno de 200 mil m² e terá, segundo a Comissão de Meio Ambiente, criada especialmente para tratar desse assunto, condições de receber as 12 t/dia de lixo produzidas pela cidade sem qualquer dano ambiental para os moradores das áreas públicas e para cursos d'água que servem Várzea da Palma.

Integrado

A obra, que terá um custo final aproximado de R\$150 mil a ser assumido pela empresa vencedora da licitação, integra um programa mais amplo de educação ambiental, eleito pelo prefeito Arnaldo Marques de Souza como prioritário em sua administração. Desse



Prefeito de Várzea da Palma, Arnaldo Marques de Souza, que garante a Usina de lixo ainda para este ano



programa fazem parte os secretários municipais de Saúde, Educação e Obras Públicas, além do Projeto Manuelzão, que há dois anos atua no município. "A usina a ser construída, defende o prefeito Arnaldo, está conectada com um programa de preservação ambiental mais amplo, o que significará uma completa e profunda mudança no conceito de fazer saúde pública". É exatamente essa perspectiva que entusiasma a incansável secretária municipal de Saúde de Várzea da Palma, Célia Márcia Fernandes. Defensora intransigente de que a saúde pública passa pela educação das pessoas, Célia admite que o problema do lixo no município é mais sério do que se imagina, porque é resultado da negligência de administrações passadas. "Embora isso nos estimule a trabalhar mais e mais, não há como negar que houve um repasse de negligência para a atual administração", justifica a secretária.

Para reforçar a tese da "construção-cidadã, da qual participarão empresas públicas, privadas e Ong's, Célia

já está mobilizando as associações de moradores da cidade, um dos principais pontos de apoio do projeto ambiental. "Não só o lixo, mas todas as questões ambientais da cidade fazem parte de nossa preocupação. Com a parceria da iniciativa privada, organizações populares e, especialmente, do Projeto Manuelzão, garante Célia Márcia, vamos reverter essa situação".

Manuelzão

Enquanto o prefeito de Várzea da Palma, Arnaldo Marques de Souza, espera ansioso pelo desfecho do inquérito civil público aberto contra sua administração, em função do lixo, hoje, jogado em terreno inadequado no bairro Buritis das Mutatas (800 habitantes, localizada a menos de 1,5 Km do Rio das Velhas), o promotor público, Fabrício José da Fonseca Pinto adianta que, em caso de punição, a prefeitura terá de retirar o lixo, imediatamente, recuperar a área degradada e finalizar o projeto de construção da usina em outro local. "Tudo

está na dependência do resultado da perícia que a Fundação Estadual do Meio Ambiente (Feam) está procedendo. Há suspeitas de que o lixo está degradando os afluentes do Rio das Velhas", adverte o promotor Fabrício. Preocupado com a situação, o técnico em saneamento Anísio de Figueiredo, garante que o problema será resolvido em tempo hábil e sem nenhum transtorno para a comunidade. Amigo, que também é membro do Comitê da Bucia do Rio das Velhas, atribui a questão ao desleixo das administrações passadas. "A usina não saiu até hoje, defende ele, simplesmente porque o município estava inadimplente junto à Caixa Econômica Federal. Tudo por causa das antigas administrações". O clima tenso gerado pelo lixo a céu aberto de Várzea da Palma não impede, porém, que as atividades do Projeto Manuelzão tenham sua continuidade normal. Além das palestras educati-

vas e atendimentos em postos médicos do centro da cidade e nos bairros Paulo VI e Pedras Grandes, os acadêmicos Fabiano Camargos e Alair Rodrigues Araújo Júnior, sob supervisão direta do professor Antônio Leite Alves, estão realizando um levantamento da atual situação de destruição infantil da comunidade Paulo VI. O trabalho, que é desenvolvido em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde e Pastoral da Criança, tem o objetivo de pesar e medir 2 mil crianças. "Após esta etapa, explica Fabiano Camargos, os dados colhidos serão organizados e os casos de crianças que estão abaixo do peso e da estatura serão encaminhados à secretaria", conclui. Outra atividade que vem surtindo bons resultados são as orientações repassadas a grupos de pacientes portadores de hipertensão arterial e diabetes. Entusiasmado com o que ele classifica de "o carro chefe do Internato Rural da Faculdade de Medicina, o acadêmico Alair Júnior, garante que a importância do Projeto Manuelzão está em sua vinculação com a prevenção da saúde e com a mobilização social. "Nesse sentido, ele é de extrema importância para nós e para as comunidades", explica Júnior.



A secretária municipal de Saúde de Várzea da Palma, Célia Márcia Fernandes: "a construção da Usina de lixo integra um trabalho ambiental muito mais amplo a ser desenvolvido no município".



Anísio de Figueiredo, técnico ambientalista: vamos resolver o problema o quanto antes